



Fundação Educacional terá que dobrar sua estrutura e o número de professores na virada do século para matricular os esperados 800 mil alunos

Saída será volta do turno integral

FABIANA FERNANDES

Cobrança da família sobre a escola. Participação da sociedade dentro da universidade. Taxa de analfabetismo próxima de zero. Esforço contínuo do Governo. Estas são as expectativas para a educação do Distrito Federal dentro de nove anos, de acordo com alunos, pais, professores, escolas e governo.

Para muitos a distância entre o conhecimento, a informação propriamente dita e o estudante enquanto homem, será nula. A cada dia a necessidade do tratamento humanístico do aluno torna-se uma questão imediata. Até o ano 2000, a criança vai encontrar na escola sua própria casa. Há quem diga que já existem escolas, ou simplesmente professores que em uma iniciativa corajosa acreditam nesta idéia.

A Fundação Educacional do Distrito Federal deverá matricular no primeiro

ano do próximo milênio, cerca de 800 mil estudantes, o dobro do que a rede oficial abriga hoje. As demais condições, como salas de aula e professores, acompanharão este processo de crescimento que representa 100% da estrutura atual.

A secretária de Educação, Stella dos Cherubins, acredita que um grande passo a ser tomado é o retorno da escola de turno integral. Esta idéia foi vivenciada pela secretária enquanto professora em 1958. Ela explica que o processo ocorrido na época da fundação da cidade atendia a todas as necessidades das crianças através de escola particular ou da pública. A essência será a mesma implantada na ocasião, mas a forma deve ser diferenciada.

Atualmente, parte das escolas da rede oficial têm três ou quatro turnos. Duas chegam a ter cinco turnos, o que significa sacrifício para a criança e sua família. Ainda no atual Governo, a in-

tenção da Secretaria de Educação será aumentar o período de permanência da criança dentro do estabelecimento de ensino. Na primeira fase serão quatro horas de aula diariamente, e depois este total passará para seis.

A taxa de reprovação, considerada elevada (30%), deverá ser necessariamente reduzida. A de evasão, que chega aos 8,6% no primeiro grau e 18% no segundo, estará sujeita à redução desde que a proximidade e adequação da rede educacional atenda às expectativas reais da criança e de sua família.

Mudança

Os professores da FEDF observam que naturalmente o aluno da rede particular é transferido para a escola pública por questões econômicas. Esta mudança poderá ser ainda maior. Apesar disso, nenhum dos setores envolvidos acredita na extinção da escola particular.

O presidente do Sindicato das Esco-

las Particulares de Brasília, Oswaldo Saenger, considera indispensável que nos assentamentos e satélites haja um espaço reservado à implantação da escola particular, que surge como uma iniciativa natural e presta um serviço à comunidade. Ele garante que nos dias atuais um empresário dificilmente instalaria uma instituição particular no Plano Piloto, onde já se atingiu o ponto de saturação.

O assessor especial da Presidência do Ceub, Celso Ferreira Pinto, admite que a escola está preocupada com as necessidades imediatas. Além disso, há uma cópia constante das práticas existentes. "A escola cria pouco e copia muito", diz ele. O presidente do Sinepe afirma que os colégios particulares se prenderam nos últimos anos à questão administrativa. Em alguns casos se esqueceram totalmente que esta empresa precisa desempenhar o papel educativo acima de tudo.